Aveiro, 1 de Dezembro de 1962 * Ano IX * N.º 423

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

QUE ACONTECERIA SE O SOL "EXPIRASSE"

Artigo de ALVES MORGADO

Na sua interessante secção dominical «Fim de Semana», o «Diário de Notícias» submete à nossa meditação esta pergunta inquietante: «que sucederia se o Sol expirasse?»

À primeira vista, parece uma pergunta destituída de senso. Estamos tão habituados a ver o Sol cumprir, todos os dias, com o máximo escrúpulo, o seu horário de trabalho, que nos recusamos a encarar com seriedade tal hipótese. Além disso, sabemos que a nossa estrela tutelar procede com a mesma regularidade há alguns biliões de anos, pelo que a nossa confiança nela não tem limites. O conceito de que o Sol é imortal radicou-se de tal forma no espírito dos homens, que ninguém acredita ou quer acreditar na hipótese contida na pergunta. Por outro lado, os astrofísicos garantem que o poder de radiação do Sol se manterá ainda durante alguns biliões de anos.

Todavia, a terrível interrogação posta pelo cronista científico do «Diário de Notícias» é absolutamente legítima, pois é admissível a hipótese de o Sol expirar. Ou num futuro próximo, por acidente imprevisível, ou num futuro longínquo, por fatal senectude, o Sol verá chegar a sua última hora. Tudo o que nasce, morre. Bicho ou planeta, Homem ou astro. Num Cosmos que os astrofísicos consideram ainda jovem, no seu conjunto, muitos astros morreram ontem. Outros nascerão amanhã. Neste Universo de que a Terra é partícula ínfima, a maioria dos objectos que o constituem podem ser jovens, como proclamam as teorias modernas da astronomia e da astrofísica, mas é verdade também que muitos astros já pereceram, enquanto outros se encontram em plena gestação. É a Lei da Criação contínua, proposta pelo astrónomo Sinibaldi.

É a altura de tentar responder à pergunta que nos serve de epígrafe. Segundo o cronista do «Diário de Notícias», «isso significaria o fim da luz na Terra em cerca de oito minutos e uma descida contínua de temperatura. Toda a gente se iria refugiar em minas profundas e encontraria aí calor bastante. Com um bom abastecimento de ar fresco, água e víveres, poderíamos viver algum tempo.»

Esta resposta é demasiado simplista e optimista. Antes de mais nada, porém, é preciso pôr a questão com mais clareza. É necessário saber

Continua na página 2

A reivindicta de um antigo amigo
JOSÉ ESTÊVÃO e COSTA CABRAL

UM ARTIGO DE EDUARDO CERQUEIRA

Entre os traços de carácter mais relevados em José Estêvão contam-se, a par, a fidelidade aos princípios que perfilhava e larga e inesgotável generosidade, a coragem de lutador e a independência, alisura de procedimento, a lealdade, o espírito de justiça e a franqueza no louvor, na crítica e na recriminação a amigos e adversários. Era um impetuoso, que nos grandes momentos sabia dominar-se, um homem com impulsos de cólera e de enternecimento, tìpicamente romântico, que se expunha a todos os riscos com intrepidez e se comovia até às lágrimas, que estimava os prazeres da vida e, na luta pelos ideais, desprendidamente a eles renunciava. Era grande e era bom; era forte e afectuoso, dominador e rendido às amizades.

Uma das que mais prezou, quando começava a vida pública, e, depois da das armas, iniciava a luta parlamentar, foi António Bernardo da Costa Cabral, o futuro conde de Tomar, o mais proeminente e o mais detestado dos Cabrais. Moço de vinte oito, José Estêvão toma pela primeira vez assento nas câmaras, como deputado, em 1837, e enfileira na oposição. Nela acompanha a fracção mais irrequieta do partido setembrista, em que Costa Cabral era a figura dominante. Eram parceiros, aliás, na Sociedade Patriótica Lisbonense, mais correntemente conhecida pelo clube dos «Camilos», e o jovem e ardoroso aveirense acatava-o, pela sua maior experiência, como a um chefe. Aliás, como era próprio do seu temperamento, do mesmo passo que lhe ouvia o conselho e seguia as directivas, estimava-o como amigo.

Em 7 de Julho de 1840, quando já Costa Cabral se havia transviado, num vigorosíssimo discurso de ataque ao go-

Continua na página 5

MAGISTÉRIO: passaporte para o inferno

NÚMEROS & FACTOS

ARTIGO DE MÁRIO DA ROCHA

JÁ assim pensava! Mas desde que, há dias, ouvi contar o que três pessoas diferentes me contaram em lugares e ocasiões diferentes, e eu agora contarei, mais, muito mais se me arreigou aquele pensamento...

Para alguém querer a missão de ensinar os outros, é preciso ou a inconsciência de não se saber o que se quer ou o heroísmo de se querer o que se sabe! Néscio, como ovelhinha que vai para o açougue de olhos fechados, ou herói que abre os braços à cruz para que os outros subam mais alto — tal parece ser o dilema do professor, particularmente o primário.

E no entanto... No entanto, tudo abaixo se dirá!

★

Há doze anos, em 1950, nós tínhamos, entre 9 milhões de habitantes, quase 3 milhões de analfabetos. Acertemos as contas e digamos o número exacto: **2.916.000.**

Então, daí para cá, o analfabetismo *transformou-se de chaga em bandeira...*

Encontram-se por aí, em parangona, estatísticas como estas: estabelecimentos de ensino oficial (escolas e postos), em 1926, 8.484; em 1950, 15.662; em 1959, 26.375, etc!

Alunos matriculados, em 1926, 316.888; em 1950, 575.433; em 1959, 975.455, dos quais 115.718 adultos. E assim por diante...

★

E' um lugar-comum saber-se ou afirmar-se que a produção económica está intimamente ligada ao apetrechamento técnico. Na Suíça ou na Noruega, por exemplo, o valor humano da nação supre as deficiências

Continua na página 2

Cartas de Lisboa
ALINHAVOS

por GONÇALO NUNO

★ *Marcel Marceau voltou a Lisboa para, de novo no palco do Tivoli, trazer-nos a mensagem do seu génio mímico. E o público acorreu novamente esgotando as salas e aplaudindo efusivamente os seus espantosos dotes histriónicos.*

Que genialidade é preciso ter para tudo exprimir e dizer simplesmente com o gesto e a expressão! Que manancial de psicologia para saber mostrar o que há de tragédia por vezes no facto mais anedótico do quotidiano!

Marcel Marceau — muitos não dão conta disso — é um trágico, mas um trágico sublime que nos diz e transmite os estados de alma mais antagónicos com uma riqueza de vocabulário mímico que nem mesmo a palavra poderia substituir vantajosamente na circunstância. Paradoxalmente, talvez, poderemos dizer que Marcel Marceau é um filólogo da mímica. Só com ela, ele escreve poemas, faz crítica, analisa a Vida, conta-nos peripécias, sofre angústias, dedilha a escala inteira do sentimento humano. Mas em tudo, em todos os seus quadros, há um denominador comum — a tra-

Continua na página 6

A peça de Samuel Beckett «À Espera de Godot» tem dado que falar: não apenas pela sua qualidade, hoje geralmente sublimada nos mais variados tons, mas pelas dificuldades da sua interpretação, a requerer excepcionais dotes histriónicos. Famosa se tornou também para os aveirenses: o nosso CÍRCULO EXPERIMENTAL DE TEATRO foi com ela arrancar a Lisboa um primeiro prémio, no recente Concurso de Arte Dramática, com outros honrosíssimos galardões para intérpretes e encenador. Vê-la-emos, de novo, em Aveiro, na noite de 14 do corrente, — e lá estaremos para aplaudir, como o merecem, os arrojados rapazes do CETA. Famosa ainda é a peça, já agora, pelo expressivo quadro, ao lado reproduzido, que inspirou a Guerra de Abreu. Ele também é do CETA — mas é, essencialmente, honra da nossa terra com como artista plástico, cujos merecimentos demonstrou ainda há pouco a magnífica exposição dos seus trabalhos no salão nobre do «Aveirense»

MAGISTÉRIO: PASSAPORTE PARA O INFERNO!

Continuação da primeira página

naturais da pátria. O homem vence a terra!

E, em contraprova se acrescente, a Colômbia, apesar dos seus recursos naturais, é um país de rendimento nacional modesto, se a compararmos à Dinamarca, solo de minguados recursos mas onde a valorização humana supre a escassez da natureza.

*

A ponte que se ergue nos morros da Arrábida ou a que nasce no casario de Alcântara são um cartaz internacional do progresso do país. Uma tem centenas de metros de vão; outra, quilómetros de comprimento. **Ambas são cartaz.** E ainda ninguém me provou que o cartaz, aqui, não seja maior do que a paisagem!...

Eu sei o que representam as rodovias para um povo. Já o sabiam Dario, «o grande rei», e Augusto, «o divino senhor»! Mas, perante um palácio, eu pergunto-me sempre quantas reformas valerá ele!... Quantas escolas para uma ponte?...

*

— «Não posso mais! Hei-de fugir... Não aguento ter de bater para poder ensinar. E' que quando não há condições favoráveis à disciplina, crianças só por um colete de forças podem ser disciplinadas.

Tenho dos meus tempos de escola a sombra mais negra da minha vida. O professor não era mestre; era verdugo... Hoje, numa escola - pardieiro, não posso ensinar sem reprimir... Isto é matirizar-me. Impossível! Hei-de fugir...»

Assim me falava, há poucas horas, alguém que tinha vocação de mestre. Não queria mais ser mestre? E' porque tinha vocação para sê-lo!...

E, há não muitos dias ainda, embora um pouco mais longe, alguém me dizia:

— «Soubesse eu que ensinar era **isto**... Regresso da aula esgotada como quem volta duma heróica batalha inútil... E todos os dias ter de voltar à liça sem proveito nem glória... Com umas 50 crianças com 15 % de «enormes» e ter de dar um rendimento de 80 %!»

E quem assim falava não se circunscrevia a preleccionar do alto da cátedra: numa escola sem condições pedagógicas, sem material didáctico e, em contrapartida, com uma percentagem avultada de «enormes», de anormais, quem assim falava, dizíamos, além de ensinar, saciava bocas famintas, curava chagas gangrenadas, cobria corpos arrepiados. E se houve uma justa observação a quem de direito, sempre tem havido uma gaveta para papéis a mais.

*

Reparem, por favor, que quem assim me falava nem sequer abordou problemas instantes que mais lhe diziam respeito.

E' que — honra lhes seja! — interessava-lhes mais o cumprimento fiel da sua proveitosa missão do que os proventos compensadores de tão ingrato quanto difícil e meritório trabalho.

*

Alguém que não é professor mas sabe ver os problemas com a argúcia objectiva de mestre consciencioso e consegue expor a questão com a serena incidência de juiz impoluto, alguém magistralmente me fazia pensar, perguntando-me:

1 Porquê um salário que é uma irrisão perante o actual custo de vida? Um ordenado que não dá para uma pensão!...

2 Por que não são os pagamentos efectuados no princípio do mês se até, pelo contrário, chegam a vir com dois e mais meses de atraso?

Devido às faltas? Mas se, mesmo o professor agregado pode faltar por doença ou, ainda, duas vezes por mês, ao abrigo do art. 4.º do Decreto n.º 19.478?

3 Que hão-de fazer os professores agregados para que a sua entrada nos quadros oficiais se efective sem tantos entraves e com tão raros concursos?

4 Por que motivo não são pagas as férias, falta de equidade esta que humilha e degrada uma classe social encarregada da mais nobre das missões mas postergada numa dependência insegura que ou leva à insubsistência ou conduz ao empenhamento?...

*

Ao ouvir, tão magistralmente postas, tantas e tais perguntas, eu, nada podendo responder, só tive a perguntar:

— Mas como será possível não preferir moscas a alunos? Ou dar-se-á o caso de só se abrir os olhos quando já se está com os pés no inferno?!

Mário da Rocha

Que aconteceria se o Sol «expirasse»

Continuação da primeira página

que espécie de morte se encara: se súbita, por acidente, ou se a longo prazo, por velhice. No primeiro caso, seria também o fim desta esplêndida organização que é o sistema solar. Extinta a fonte da vida, que é o Sol, extinguir-se-ia toda a manifestação de vida à face da Terra e de todos os outros planetas do sistema, se ela porventura aí existe. Os planetas são solidários com a sorte do seu suzerano. No segundo caso — perecimento por senectude — a humanidade já não existiria quando se verificasse a extinção do Sol, isto é, o fim do astro como estrela activa.

Quando a radiação do Sol, progressivamente, começar a baixar de valor — e isto verificar-se-á, inelutàvelmente, num futuro mais ou menos longínquo, à volta dos milhares de milhões de anos — a superfície da Terra gelará, até não haver distinção alguma entre as regiões polares, os continentes e os oceanos. A humanidade, por seu turno, irá abandonando este vale de lágrimas, vítima do frio e da fome. É possível que alguns privilegiados — haverá sempre esta casta — consigam sobreviver no interior da Terra, aquecidos pelo calor do núcleo central, isto se lograrem resolver o problema da alimentação. E por quanto tempo?

Alves Morgado

dos LIVROS & dos AUTORES

ESTANTE

Subsídios para História do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

——— *A. J. Soares*
1938-61. Vol. de 348 págs.

Aqui temos um livro, fartamente ilustrado, que interessa, não apenas a todos os antigos e actuais estudantes da vetusta e gloriosa Universidade de Coimbra, mas também a quantos apreciam e respeitam as sérias manifestações da Arte e da Cultura.

O *Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra*, conhecido pela abreviatura *TEUC*, é um agrupamento sobejamente apreciado tanto em Portugal continental e ultramarino como no estrangeiro. Aveiro teve a felicidade de poder escutá-lo e aplaudi-lo, e o *Litoral* o enorme prazer de tecer-lhe os mais rasgados e justos elogios.

É, seguramente, uma magnífica actividade extra-escolar dos estudantes de Coimbra, superiormente orientada pelo Prof. Doutor Paulo Quintela, que se tornou credor da admiração e da gratidão de todos os portugueses.

O presente volume, redigido com a simplicidade aliciante e a precisão encantadora das narrativas históricas, constitui um subsídio precioso para o conhecimento de uma obra admirável, legítimo orgulho dos universitários de Coimbra.

LICEU ARISTOTÉLICO. Lógica e Psicologica.

——— *A'lvaro Ribeiro*
Volume de 235 páginas

O Autor é sobejamente conhecido dos que se dedicam aos estudos filosóficos. A sua bibliografia sobre a matéria é abundante.

O presente volume, editado pela *Sociedade de Expansão Cultural*, é dedicado a Domingos Monteiro — «à sua intuição artística, ao seu lúcido patriotismo, ao seu ideal humanitário».

Limitamo-nos a registar a sua publicação. Oportunamente o apreciará o crítico literário do *Litoral* com autoridade para fazê-lo.

Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa

— recolhidos e narrados por Ana de Castro Osório
Vol. I, 121 págs.; Vol. II, 103 págs. ———

Dois volumes interessantíssimos, ilustrados com bons desenhos de Álvaro Duarte de Almeida e lançados pela *Sociedade de Expansão Cultural*, que os enriquece com um judicioso prefácio.

Os *Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos* destes dois volumes, lêem-se com muito agrado e são, na realidade, obra de grande valor moral e literário.

UM ANO NACIONAL DE PRODUTIVIDADE na Grã-Bretanha

Sob o alto patrocínio do Duque de Edimburgo, está a ser organizado pelo «British Productivity Council» (Conselho Britânico de Produtividade), de 14 de Novembro de 1962 a 14 de Novembro de 1963, um Ano Nacional de Produtividade na Grã-Bretanha.

Patronatos, sindicatos, universidades, escolas técnicas, etc., desde há meses colaboram entre si na realização duma vasta campanha destinada a tornar um êxito este Ano Nacional, que tem por fim aumentar a produção nacional pela adopção de mais aperfeiçoados métodos directivos e de trabalho.

*

O objectivo especial do Ano Nacional de Produtividade é, com efeito, o de chamar a atenção de todos os sectores da actividade económica da nação sobre os meios de melhorar o rendimento e de reduzir o preço de custo da produção tanto na indústria, como nos transportes e na agricultura. Esta é a razão por que a campanha actualmente em curso na Grã-Bretanha se baseia no seguinte programa de cinco pontos:

1 — Estimular o interesse do patronato e os trabalhadores em relação a métodos modernos e aperfeiçoados e da sua utilização na indústria.

2 — Promover a discussão, a investigação e a cooperação.

3 — Permitir a todos os interessados conhecer os meios e a utilidade dos serviços e organismos previstos para lhes assegurar a necessária assistência.

4 — Encorajar e promover a investigação duma solução coordenada de todos os problemas que se apresentam à indústria.

5 — Estabelecer um sistema de discussões regulares que deverá permitir o prosseguimento duma acção cooperativa depois de terminado o Ano Nacional de Produtividade.

Estes objectivos podem parecer algo teóricos. De facto, na prática, traduzir-se-ão, nos próximos 12 meses, por manifestações de todos os géneros em diversa escala. Os 114 comités de produtividade, que se formaram em todas as regiões, e no seio dos quais estão representados o patronato e os sindicatos, organizarão reuniões públicas, debates, projecções de filmes, exposições, etc., em todos os principais centros industriais. Os agricultores, tal como os industriais, poderão tirar proveito da campanha nacional, pois os grupos de cultivadores serão chamados a estudar os métodos de exploração mais recentes,

Continua na página 7

SECÇÃO ORIENTADA POR CARLA

Plásticos na indústria de construção

As últimas novidades em plástico e particularmente em chapas de Perspex acrílico, para a indústria de construção, foram recentemente exibidas numa exposição, inaugurada há pouco, no Building Centre, em Londres, pela Imperial Chemical Industries (I. C. I.).

O uso de materiais plásticos, diz a ICI, aumentou consideràvelmente nestes últimos dez anos, por quatro razões principais: primeiro, porque o seu uso conduz a uma valiosa redução nos custos globais; segundo, porque as peças de plástico podem ser pré-fabricadas numa base de produção em grande massa; terceiro, porque a leveza dos plásticos permite liberdade ao engenheiro-projectista e simplifica o transporte; e finalmente, porque os plásticos são mais resistentes à corrosão do que os costumados materiais.

Donativos para salvar tesouros do Nilo

Uma dádiva especial no valor de L 25,000 (2 milhões de contos) foi concedida pelo Governo Britânico à Academia Britânica, para a ajudar na continuação do seu trabalho arqueológico de salvamento, no Egipto e no Sudão. O trabalho é efectuado em locais permanentemente cobertos pelas águas do Nilo.

A Academia Britânica teve possibilidades de patrocinar as operações de salvamento com a ajuda de uma doação do Governo, efectuada há dois anos, e no valor de L 20.000 (1.600.000 contos).

Este trabalho obteve um êxito para além de todas as espectativas, diz o sr. Eward du Cann, Secretário de Economia do Tesouro, ao anunciar o donativo suplementar, na Casa dos Comuns, no dia 12 de Novembro passado. A nova dádiva permitirá a continuação dos trabalhos, por mais três anos.

Escudo de protecção para a Polícia

A *Scotland Yard* tem andado em experiências com um escudo enchumaçado, imaginado por um polícia de Londres, para ser usado quando se tiverem de haver com quadrilhas perigosas.

O escudo, feito de crina revestida de borracha, tem provado com muito sucesso, segundo o critério do Departamento de Investigações da *Scotland Yard*. E' à prova de facas, garrafas partidas e de cassetetes, e é um dos novos inventos e estratagemas que fazem parte de uma série que está a ser organizada e experimentada por aquele departamento.

Motores «Diesel» para o Ártico

Três cientistas deverão chegar brevemente à Estação Delta I do Instituto Ártico, com base em Montreal, para continuarem os seus estudos sobre a Aurora Austral iniciados durante o Ano Geofísico Internacional. A sua missão será examinar cuidadosamente a aurora e obter novas indicações quanto à origem, natureza e tamanho do fenómeno. Empenhar-se-ão, em particular, em colher elementos sobre a teoria corrente que a luz da aurora está relacionada com a força magnética da Terra e que pode ser causada pela radiação cósmica ao entrar na nossa atmosfera.

A observação será feita duma torre com 4 x 10 metros, montada sobre macacos de elevação que a vão elevando à medida que a neve amontoa.

A força motriz será fornecida por três geradores *Diesel* fabricados em Inglaterra e baseados nos motores *Perkins* de 1,6 litros. Um dos geradores estará em funcionamento permanente para produzir luz, calor, condicionamento de ar e energia para os aparelhos científicos. Foram escolhidos geradores britânicos em virtude do seu tamanho e peso e da economia do combustível.

Novo sistema de impermeabilização na construção civil

Os arquitectos e e construtores civis de diversos países têm mostrado grande interesse no novo sistema para tornar impermeável à humanidade as paredes dos prédios, por meio da aplicação dum produto recentemente apresentado por um fabricante britânico.

Trata-se da combinação fluída de leite de borracha e dum «siliconato» que repele a água e cuja

Continua na página 7

MAREANDO

Vogando no mar dum cinzento bailado,
lá vai, de altas ondas além sacudido
e ao vento da Sorte virando, empurrado,
um frágil barquinho em tormenta metido;
levando o viver dum asceta cansado
de paz procurar, sem ter conhecido
valor nessa fuga do mundo culpado.

Inútil transporte do rumo banido!

De vaga p'ra vaga, de rombos crivado,
embates medonhos, oh! quantos há tido.
Parece impossível não ter sossobrado...
deixando às espumas um Tempo perdido!

Martins da Silva

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVEIRENSE
5.ª feira . . .	SAÚDE
6.ª feira . . .	OUDINOT

Pela Capitania

Movimento Marítimo

Em 21, saíu a barra para Lisboa o navio-tanque *Sacor*, em lastro.

Em 23, procedente de Lisboa, entrou a barra o navio-tanque *Sacor*, com gasóleo e gasolina.

Em 24, vindos dos bancos da Terra Nova, entrou o navio-motor *Santo André*, com bacalhau fresco, e saiu para Lisboa, em lastro, o navio-tanque *Sacor*.

Em 25, procedente de Murcia, Espanha, com gesso, demandou a barra o navio-motor *São Silvares*.

Em 26, vindo de Safi, com gesso, entrou a barra o navio-motor *São Silvestre*.

Legião Portuguesa

Recomeçam na 2.ª feira, dia 3 do corrente, pelas 21.30 horas, com uma conferência do sr. Dr. José Cerqueira de Vasconcelos, as actividades do Centro de Estudos Políticos-sociais de Aveiro.

À conferência, que se subordina ao tema «A Obcecação do Divino e Maurice Barrés», poderão assistir todas as pessoas interessadas.

Prémios Gulbenkian

Estética, História da Arte e Arqueologia e Crítica de Arte 1962

O período para admissão dos trabalhos inéditos ou editados no ano corrente, destinados ao Concurso para estes prémios, decorrerá durante o mês de Fevereiro de 1963.

Os regulamentos respectivos estarão à disposição dos interessados a partir do próximo dia 1 de Janeiro, no Serviço de Belas-Artes da Fundação Calousto Gulbenkian, onde serão facultadas todas as informações.

Pela Mocidade Portuguesa

Comemorações do 1.º de Dezembro

Promovidas pela Delegação Distrital da Mocidade Portuguesa são levadas a efeito, em Aveiro, hoje, 1.º de Dezembro, «DIA DA MOCIDADE», as seguintes cerimónias comemorativas:

Às 9.30 horas — Concentração dos filiados dos vários centros no Liceu. Hasteamento das bandeiras Nacional e da M. P.. Colocação de flores no Padrão dos Descobrimentos, na Rua do Infante D. Henrique.

Às 10 horas — Sessão solene, no ginásio do Liceu, para entrega de prémios e insígnias.

A's 11 horas — Desfile dos filiados pelas ruas da cidade.

A's 11.30 horas — Missa na Sé Catedral.

A's 14.30horas — Sessão cinematográfica, no ginásio do Liceu.

Licenças de Uso e Porte de Arma

Os possuidores de armas, *com excepção dos que já estão habilitados com autorização de simples detenção*, devem requerer a partir do presente mês na Secretaria da P. S. P. as renovações das suas licenças de uso e porte de armas de defesa, caça e recreio para o ano de 1963, sob pena de, não o fazendo, ficarem sujeitos a sanções previstas na lei.

As armas que se encontram ainda registadas nos antigos certificados-fichas devem ser apresentadas para efeitos de conferência de características e substituição daqueles documentos pelos livretes de manifesto.

Vida Judicial

Delegados do Círculo Judicial à Assembleia da Ordem dos Advogados

Em reunião dos advogados do Círculo Judicial de Aveiro, efectuada em 22 do mês findo, na sua sala do Palácio da Justiça, foram eleitos delegados do mesmo Círculo à Assembleia Geral da Ordem os srs. Drs. Manuel da Costa e Melo e Adolfo de Almeida Ribeiro.

O sr. Dr. Querubim de Guimarães continua membro do Conselho Geral da mesma Ordem.

Dr. António Fragoso de Almeida

Foi há pouco nomeado Juiz-Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça o sr. Dr. António Fragoso de Almeida, antigo e distinto aluno do Liceu de Aveiro.

O *Litoral* felicita e cumprimenta o integérrimo magistrado.

Vida Comercial

Num moderno prédio da Rua do Engenheiro Oudinot, ao n.º 35, e com frente ainda para a futura Avenida de Portugal, foi inaugurado, ao fim da tarde do último sábado, um novo estabelecimento — que muito bem pode ser considerado dos melhores da cidade, pelo bom gosto das suas instalações e das suas linhas.

Trata-se de uma casa de alfaiataria e lanifícios e vestuário para homem, pertencente à firma *Décio, Amaro & Oliveira, L.da*, de que são sócios os srs. Décio Ferreira Estima, Gustavo da Silva Oliveira e Júlio Avelar de Oliveira.

Assinalando a abertura da nova casa — a que auguramos as melhores prosperidades —, foi oferecido um fino *copo de água* às entidades oficiais e particulares convidadas para a cerimónia. Pronunciaram expressivos brindes os srs. Eng.º Gil Pires, Presidente da Câmara Municipal de Águeda; Celestino Neto, Director da «Independência de Águeda»; Dr. João de Almeida, Subdelegado em Aveiro do I. N. T. P.; e Pompeu de Melo Figueiredo, conhecido comerciante aveirense.

Novo Regente da Banda Amizade

Tendo o sr. Américo Gomes do Amaral deixado o cargo de regente da *Música Velha*, que ocupou, com muita competência e zelo, durante cerca de doze anos, passou para esse lugar o sr. Severino dos Anjos Vieira.

Exposição de Pintura

O pintor Rolando d'Oliveira abre hoje uma exposição de quadros da sua autoria, no salão nobre do Teatro Aveirense.

São, ao todo, 48 trabalhos, aguarelas e óleos.

A exposição, que poderá ser visitada das 16 às 18 horas, deve encerrar no dia 16 do corrente.

Pelo Clube dos Galitos

Secção Filatélica e Numismática

A Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos comemora hoje o *VIII Dia do Selo*, à semelhança do que se fará em todo o País.

Ás 16 h., na sede do Clube, serão exibidas algumas colecções e folhas de albuns de sócios. Aos novos coleccionadores, serão distribuídas lembranços filatélicas, constituídas por valores postais oferecidos pelo Clube Filatélico de Portugal e por alguns elementos directivos da Secção.

À noite, no «Galo d'Ouro», os filatelistas reúnem-se num jantar de confraternização, festejando ali o aparecimento do primeiro número do Boletim da Secção «Selos & Moedas», que será distribuído gratuitamente a todos os sócios e oferecido às senhoras que assistirem ao jantar.

Casa do Distrito de Aveiro em Angola

Delegação de Aveiro

Porque a amabilíssima carta que, em devido tempo, nos foi enviada, entrou em pasta diversa da distinada ao original da semana transacta, só agora damos conta do seu conteúdo, lastimando a involuntária falta.

«Estreitar, por todas as formas ao seu alcance, as relações entre os aveirenses residentes na Província Ultramarina de Angola e os radicados na sua terra natal» — eis a finalidade, a todos os títulos de aplaudir, da Delegação local da Casa do Distrito de Aveiro em Angola.

Vastíssimo é o campo em que, com tal finalidade, se poderá actuar — acentua-se com toda a justeza, na expressiva carta que nos foi endereçada. E cremos que, particularmente para os aveirenses que em Angola têm parentes ou amigos, a presente notícia causará justificado júbilo.

O tão prestigioso Clube dos Galitos acedeu gentilmente ao pedido que lhe foi feito de abrir as suas portas à Delegação, que ali tem a sua sede.

Na altura em que este jornal entra na máquina, deverá realizar-se, no salão de festas do Clube uma reunião destinada a troca de impressões e fixação de directrizes das actividades a desenvolver.

Qualquer interessado pode dirigir-se, pedindo as informações que desejar, aos membros da Delegação srs. Dr. Mário Gaioso Henriques, Francisco José Rebelo Ribeiro e Laurindo Gamelas de Jesus.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje 1 de Dezembro — Os srs. Dr. Jaime José Nogueira Ilharco, filho do antigo Director de Finanças de Aveiro sr. José da Costa Ilharco, e Adolfo Correia Rito; e a menina Maria Rosa de Pinho Mieiro, filha do sr. Ricardo Mieiro e neta do sr. José de Pinho.

Amanhã, 2 As sr.as D. Zilda Rodrigues Varela, esposa do sr. Cesário da Graça e Melo, e D. Maria do Céu Pimentel de Matos Freitas, esposa do 1.º Sargento da da Aeronáutica sr. António Freitas; e a menina Fernanda Maria, filha do sr. Domingos Simões Maia.

Em 3 — Os srs. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, Rodrigo dos Santos Ferreira e Tobias dos Santos Calisto; e as meninas Maria Madalena, filha do sr. Antónia Joaquim da Cunha, e Rosa Maria Martins Gamelas, filha do sr. Laurindo de Jesus Gamelas.

Em 4 — As sr.as prof.ª D. Alice da Conceição Pedrosa Estudante, esposa do sr. prof. Manuel Estueante, D. Amandina da Rosa Lima, dsposa do sr. Tobias dos Santos Calisto, e D. Otília Limas Belmonte Pessoa, esposa do sr. Mário Sequeira de Belmonte; os srs. Lourenço Vicente Ferreira e Virgílio da Conceição Veiga, antigo Director da Secção Desportiva do LITORAL; e o menino João Manuel de Castro Peixinho, filho do sr. João dos Santos Peixinho.

Em 5 — As sr.as D. Edmêa Gomes Craveiro, esposa do sr. Dr. Eduardo Vaz Craveiro, D. Maria Gamelas Santana. esposa do sr. Manuel Nogueira Santana, D. Maria Júlia Seabra de Oliveira, esposa do sr. Virgílio de Oliveira, e D. Zulmira Carvalho Moreira, esposa do sr. Baptista Moreira; e o sr. José Henriques dos Santos.

Em 6 — As sr.as Dr. Ermelinda Vidal Leite Pais e seu marido, sr. António Ferreira Leite Pais, e D. Maria Elsa Ferraz Alves Tavares. esposa do sr. José Bernardino Lopes Tavares; os sr. António Mendes de Andrade Piçarra, José Miguel Pires de Carvalho, ausente em Timor, e José Marques de Almeida, ausente no Brasil; as meninas Ismália da Conceição Graça da Silva, filha do Salviano Gomes da Silva, e Anabela Almeida Freitas, filha do sr. José Máximo Freitas; e o menino José Maria Pereira Rego, filho do sr. João Rego.

Em 7 — A sr.ª D. Maria Margarida Ventura Gamelas Castilho, esposa do sr. Fausto Castilho; e os srs. Dr. Adérito Jaime Mendes Madeira e Manuel Pascoal.

MÁRIO SILVA

Da cidade de Newyak (Estados Unidos da América do Norte), e após uma ausência de cerca de dois anos, regressou anteontem a esta cidade o nosso bom amigo sr. Mário de Melo e Silva.

CASAMENTO

Pelas 12 horas de sábado último consorciaram-se, na Sé-catedral de Aveiro, a sr.ª D. Maria Celeste Leite, de Vagos, filha da sr.ª D. Silv na da Conceição Leite e do sr. Célio de Oliveira Leite, e o sr. Guilherme Moreira e Silva, comerciante no Brasil e actualmente em gozo de férias no Boco, sua terra natal no vizinho concelho de Vagos, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Silva e do benemérito e importante capitalista e comerciante no Rio de Janeiro sr. António Moreira da Silva.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a menina Rosa Maria Figueiredo Vieira de Moura e seu pai, o médico sr. Dr. Frederico de Moura; e, pelo noivo, a sr.º D. Maria Dora Moreira de Seiça Neves e seu marido, o advogado sr. Dr. A'lvaro Neves.

No final da cerimónia foi servido um copo de água aos convidados, cerca de duzentos, na Assembleia da Barra.

PARTIDA PARA O ULTRAMAR

Convite

Convida-se a população de Aveiro a assistir à missa campal que será celebrada, pelas 11 horas do próximo dia 4 do corrente, no Parque da Cidade, e ao desfile de um contingente militar que parte para o Ultramar.

Aveiro, 1 de Dezembro de 1962

Agradecimentos

António Pinho Vinagre

A família de António Pinho Vinagre, com receio de quaisquer omissões, agradece por este meio àqueles a quem o não tenha directamente, as manif ções de amizade e apre ue lhe foram apresentada ante a doença, falecim e funeral do saudoso ext

Leandro es da Maia

A família eandro Nunes da Maia, n possibilidade de agradec pessoalmente a todas as soas que se associaram a dor e acompanharam o udoso extinto à sua última rada, vem fazê-lo por e meio, significando a tod seu profundo reconhecime

Totobola

PROGNÓST O DO CONCURS .º 12 DO TOT OLA

9 de D mbro de 1962

N.º	EQUI	1	X	2
1	C. U. F. — tubal	1		
2	Benfica — ático	1		
3	Olhanense — ixões		x	
4	Lusitano — rting			2
5	Marinhense — iveir.	1		
6	Boavista — ueros	1		
7	Sanjoanen. — nense	1		
8	Beira-Mar — rzim	1		
9	Seixal — ntijo	1		
10	Sacaven. — C dade		x	
11	Portimon. — lves	1		
12	Oriental — rense		x	
13	S. C. Port. — Fe . (L.)	1		

José Estêvão e Costa Cabral

Continuação da primeira página

verno o confirmia, quando, directamente, cara a cara, fitando-o, com tanto de amarga decepção como de punitiva censura, o estiquatiza: «O sr. ministro da Justiça é senhor de todos os meus segredos políticos; e eu dou-lhe o direito de declarar se neles encontrou alguma coisa contra a legalidade, pois que, por mais de dois anos militei debaixo das bandeiras da oposição, quando era meu chefe o sr. ministro da Justiça — porque o meu pouco uso da vida parlamentar não me dava a primazia na vida pública. «Pelo espaço de dois anos nem um pensamento político tive que não significasse a Sua Excelência. Pelo espaço de dois anos, não tive uma só vista governativa que não comunicasse a sua Excelência; nem uma só carta particular qne não mostrasse a Sua Excelência; nem um só indivíduo com quem tivesse relações que não o relacionasse também a sua Excelência».

É verdade que José Estêvão suplantou o chefe nessa viva campanha oposicionista e se tornou a figura mais proeminente da crítica ao governo. Passos Manuel afirmava, sete anos mais tarde, num famoso discurso:

...«E o sr. deputado José Estêvão Coelho de Magalhães foi o chefe à oposição que eu tive no Congresso Constituinte. Era muito moço esse grande talento, quando pela primeira vez entrou nesta casa. Pensava então sinceramente que a resolução que entregara gloriosa e vencedora pura e imaculada ao Congresso Constituinte, podia obter mais forças, mais glória e mais esplendor, reprovava altamente o que então se chamavam as minhas pastelarias».

Costa Cabral, como depois viria a mostrar-se, era homem de reservas, de invejas, de guardar mesquinhos rancores. A supremacia que José Estêvão alcançou, de chofre, nas câmaras, sobre o chefe, seria, porventura, o fermento da malquerença que lhe votaria.

Mas, prossigamos, na transcrição do discurso do paladino inalterável das ideias liberais, e nas ironias com que criva o antigo companheiro, o desertor das suas fileiras, o transfuga ambicioso:

«E se a Câmara quiser julgar da minha vida pública, pode informar-se de Sua Excelência, que lhe reponderá satisfatòriamente. Resta-me a consolação que nela tive um companheiro único, que é o actual ministro da Justiça».

A assembleia não contém o riso, que ainda mais feriria o orgulho de Costa Cabral, e o fogoso orador prosseguiu:

«Sr. Presidente: Eu sei como o sr. ministro da Justiça trilhou o caminho daqui (A esquerda) para aqueles lugares. (O banco dos ministros). Todos o sabem trilhar, porque basta dar um salto...

«Sua Excelência sabe muito bem que eu o acompanhei sempre, como fiel amigo, em defender os princípios em que nos tinhamos colocado. Conheci a sua intenção para o poder, e eu o instei aconselhando-o que dele fugisse, eu o instei até ao bordo do precipício, e lhe disse que afastasse de si semelhante ideia, mas foram baldados todos os esforços da minha parte. A sua alma já estava escriturada em outro, e Sua Excelência de uma vez para sempre desertara dos princípios que tinha seguido.

«Sua Excelência, na noite dessa transcrição, dormiu na minha cama, foi vestido com uma camisa minha, e saiu dentro de uma sege que eu aluguei. E, até que desapareceu, o segui com a vista de amigo sincero. Com mista presaga, segui-o debaixo desta política, e disse comigo: — «Talvez o tenha perdido para sempre». Esta é a história das minhas relações com Sua Excelência, e não a posso contar sem consternação, porque é impossível afastar da minha memória este sentimento doloroso.»

Aliás, José Estêvão, o caudilho que nunca tergiversara, não poupava as zarganchadas contundentes e sarcásticas ao antigo amigo que se renegara e lhe deveria ter provocado uma das mais fundas decepções da sua vida. A propósito da influência exercida pelo governo nas eleições, já numa sessão anterior ripostara a Costa Cabral, quando este lhe pedira documentos que a provassem:

«... pede-me isso o sr. ministro da Justiça, procurando desfazer os esforços para me esquecer de Sua Excelência. Será servido, se não nesta ocasião, talvez em outra. Se lhos puder apresentar há-de ser com a sua própria assinatura. Já vi a cópia; é uma promessa de condecorações para o distrito da Guarda, com a condição da exclusão destes e daqueles indivíduos, a muitos dos quais Sua Excelência deve, não digo obséquios, mas, particularmente, consideração, para a qual olharia todo o homem que pensa que relações particulares tais são alguma coisa!»

O tribuno, que corre todas as gamas da arte oratória, entremeia a objurgatória comovente com o humor mordaz:

«O sr. ministro da Justiça — afirma noutro passo do sensacional discurso que atrás citamos — já não teve acanhamento de se comparar aqui a Napolião, porque, assim como Napoleão tinha a glória das vantagens dos seus generais, também ele queria ter a glória de apresentar as leis trabalhadas pelos seus privados, ainda que as não tivesse feito. Ora, os projectos de quem são menos é do governo, porque não foram apresentados pelo governo iniciativamente, nem foram feitos segundo as convicções dos ministros. Os projectos não tiraram a sua nascença dos membros do governo, mas de outros indivíduos que, parece-me, não têm muita vontade de entrar na discussão deles, porque são seus. Com o mesmo direito com que o Governo os chama seus, posso eu dizer que me pertencem as árias de Bellini e Donizetti, porque vou copiá-las, e digo que são minhas.»

Condenando o princípio das transferências dos juizes, como estavam sendo executadas, e que considerou «o primeiro golpe para a Liberdade», José Estêvão critica a acção de Costa Cabral, nestes termos:

«Com um tal sistema, detrás do meu juiz está o sr. ministro da Justiça; detrás do meu processo está o sr. ministro da Justiça; detrás das garantias constitucionais está o sr. ministro da Justiça; detrás dos jurados, se eles continuarem, está o sr. ministro da Justiça; e detrás do beleguim está o sr. ministro da Justiça; e o sr. ministro da Justiça é o justiceiro de Aragão, diante do qual não há propriedade, nem fazenda, nem vida».

Todo o governo é alvo da crítica veemente do arrebatado orador nessa campanha parlamentar em que ele põe toda a vibração do seu temperamento ardoroso, todo o vigor dos seus recursos, toda a revolta por ver postergados os ideais de que se qualificara já como que um símbolo. Costa Cabral era o membro do governo mais acrimoniosamente visado, mas todo o ministério merecid a sua mais categórica condenação:

«Eu, sr. Presidente — declara a rematar esse violento discurso — se agora me viessem dizer que D. Miguel, à testa das suas falanges, tinha entrado o rio que banha esta capital e me dissessem que a sua divisa era — forcas e fogueiras —, a esse grito, sr. Presidente, eu iria tomar as minhas armas em defesa do meu País, mas, antes de saír aquela porta, passaria pela urna e lançaria nela uma bola preta, porque me envergonhava de tomar as armas contra a tirania do usurpador sem reprovar uma tirania não tanto sanguinária, mas talvez mais ignóbil.»

A paixão da luta, o entusiasmo com que a ela se entregava, levavam esse homem que nunca se deixou eivar pelo ódio, a reptos desta acritude. Mas todos lhe conheciam a nobreza, a pureza das intenções, e até os que alguma vez o caluniaram se renderiam às suas virtudes e à sua atracção pessoal.

Escreveu-se que José Estêvão, de quem todos eram amigos, era amigo de todos, menos de Costa Cabral. Este lhe daria sobejo motivo para essa inimizade, quando depois o seu antigo companheiro dos Camilos, ao combate na tribuna e na imprensa passou à insurreição armada, e lhe deu pretexto para manifestar o torvo rancor que contra ele vinha acumulando.

E. C.

Desportos

Continuação da última página

Tertúlia Beiramarense

arranjo conveniente da escadaria e de algumas das salas — designadamente a sala nobre, que receberá novo e mais confortável mobiliário e se destinará à guarda dos troféus e a biblioteca e gabinete de leitura.

Posteriormente, caberá a vez às salas de jogos, ao posto médico e ao salão de festas.

A sede será valorizada, ainda, com a substituição dos actuais bilhares por outros, novos; e com a aquisição de «snookers». As mesas de ping-pong serão convenientemente arranjadas, ou substituídas, se for necessário fazê-lo.

Finalmente, também o bar e as instalações sanitárias receberão beneficiações vultuosas — tudo se conjugando, realmente, para tornar a sede do Beira-Mar mais atraente, convidativa e frequentada.

★

O vasto plano de obras a realizar pressupõe a necessidade de fundos que permitam a respectiva execução. É onde vai conseguir a Tertúlia o dinheiro de que necessita, e que, por certo, não lhe brota de nenhuma fonte nem lhe nasce do ar?

Responderam-nos que esse problema — o mais cruel e difícil — seria resolvido como os restantes. A Tertúlia Beiramarense apenas necessitava de duas coisas: compreensão e apoio para as suas iniciativas, por parte dos bons beiramarenses, que o mesmo é dizer por parte de todos os aveirenses.

Assim, foi-nos dito que se iriam realizar espectáculos de cinema e de variedades e que se efectuariam sorteios semanais de diversos objectos de arte e outros. Mais tarde, haverá outras realizações e festas — tudo em ordem a angariar-se o dinheiro necessário para as obras.

Finalizando, podemos anunciar que, como o LITORAL anunciou na semana passada, se realiza na próxima quinta-feira, dia 6, no Teatro Aveirense, a primeira sessão de cinema promovida pela Tertúlia Beiramarense, exibindo-se o movimentado filme colorido, de acção intensa, A ESPADA E A COROA.

Ecos, Figuras & Factos

foi expedido (sexta-feira), nada de concreto havia sobre o assunto.

Entretanto, soube-se já que a Associação de Bosquetebol de Aveiro aplicou diversas penalidades ao Clube dos Galitos, em consequência do seu abandono do recinto, no intervalo do jogo com o Esgueira — como aqui relatámos.

Assim, o Galitos averbou uma falta de comparência, foi multado em 200$00 e no pagamento das despesas de organização de jogo 148$00), e ficará privado do concurso dos atletas João Carvalho, José Fino, Raul Pereira, Encarnação, Júlio Ferro, Manuel Vieira e Carlos Sarrico Vieira — todos suspensos durante dois jogos.

Uma Atitude de Violas

O valeroso despertista João Martins, o popular «Violas», que recentemente se viu forçado a abandonar o futebol e o Beira-Mar, seu clube de sempre, pediu-nos que, através do LITORAL, tornemos público o seu fundo agradecimento a quantos, de qualquer forma, se associaram à sua festa de despedida e homenagem. Designadamente, expressou-nos o seu sincero «muito obrigado» à Comissão Pró-Beira-Mar, a Tertúlia Beiramarense, ao Desportivo da C. U. F., ao Sport Clube Beira-Mar e à Imprensa.

Desempenhamo-nos, com vivo aprazimento, da solicitação de Violas — pois ela caIou profundamente no nosso espírito, por revelar que o inditoso desportista sabe cultivar uma das virtudes que mais prezamos, talvez por a vermos tão postergada nos tempos que correm: a gratidão!

Beira-Mar - Salgueiros

daria o seu primeiro ponto na prova em curso; e com os beiramarenses a dominarem intensamente, com o fito de assegurar a almejada vitória. Demasiado rudes e quesilentos, e procurando mesmo complicações e lances de choque — em toada pouco agradável e pouco correcta — os visitantes contribuiram grandemente para o baixo nível da partida; mas conseguiram, de certo modo, os seus intentos: perderam pela contagem mínima... — uma vez que, mesmo a saca-rolhas (como vulgarmente se diz), o Beira-Mar logrou chegar vitorioso ao fim da contenda.

De assinalar, porém, que o salgueirista Taco recebeu ordem de expulsão, dez minutos antes do fim do desafio, após um lance em que deliberadamente atingiu Girão.

●

Na turma de Aveiro, evidenciaram-se Miguel, Brandão, Liberal, Valente e Cardoso; na equipa do Porto, Gabriel, Chau e Mário Campos estiveram em plano de saliência.

●

A arbitragem foi imparcial, modesta e pouco firme.

Beira-Mar — Valonguense

e Nunes; Gamelas e Virgílio Vale; Albino, Ramiro, Correia, Clélio e Vítor (Virgílio Feio).

Valonguense — Arsénio; Álvaro, Plácido e Sérgio; Viriato e Manuel; Pauleta, Pim-pim, António, Carlos e Mourisca (Gomes).

Animosos e muito irrequietos, e possuindo elogiável ritmo de jogo, os forasteiros ofereceram réplica interessante. Todavia, isso não bastou para evitarem a derrota, expressa em 0-4 — em golos de RAMIRO e CLÉLIO, aos 12 e aos 38 m., respectivamente (primeira parte); e de CORREIA, aos 47 e aos 57 m. (segunda parte).

JUNIORES

Anadia - Estarreja . . .	6-0
Ovarense - Beira-Mar. . .	2-2
Alba - Esmoriz	4-0
Feirense - Sanjoanense . .	0-1
Arrifanense - Espinho . . .	3-0

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVEIRENSE
5.ª feira . . .	S A Ú D E
6.ª feira . . .	OUDINOT

Pela Capitania

Movimento Marítimo

Em 21, saiu a barra para Lisboa o navio-tanque *Sacor*, em lastro.

Em 23, procedente de Lisboa, entrou a barra o navio-tanque *Sacor*, com gasóleo e gasolina.

Em 24, vindos dos bancos da Terra Nova, entrou o navio-motor *Santo André*, com bacalhau fresco, e saiu para Lisboa, em lastro, o navio-tanque *Sacor*.

Em 25, procedente de Murcia, Espanha, com gesso, demandou a barra o navio-motor *São Silvares*.

Em 26, vindo de Safi, com gesso, entrou a barra o navio-motor *São Silvestre*.

Legião Portuguesa

Recomeçam na 2.ª feira, dia 3 do corrente, pelas 21.30 horas, com uma conferência do sr. Dr. José Cerqueira de Vasconcelos, as actividades do Centro de Estudos Político-sociais de Aveiro.

A conferência, que se subordina ao tema «A Obcecação do Divino e Maurice Barrés», poderão assistir todas as pessoas interessadas.

Prémios Gulbenkian

Estética, História da Arte e Arqueologia e Crítica de Arte 1962

O período para admissão dos trabalhos inéditos ou editados no ano corrente, destinados ao Concurso para estes prémios, decorrerá durante o mês de Fevereiro de 1963.

Os regulamentos respectivos estarão à disposição dos interessados a partir do próximo dia 1 de Janeiro, no Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, onde serão facultados todas as informações.

Pela Mocidade Portuguesa

Comemorações do 1.º de Dezembro

Promovidas pela Delegação Distrital da Mocidade Portuguesa são levadas a efeito, em Aveiro, hoje, 1.º de Dezembro, «DIA DA MOCIDADE», as seguintes cerimónias comemorativas:

Às 9.30 horas — Concentração dos filiados dos vários centros no Liceu. Hasteamento das bandeiras Nacional e da M. P.. Colocação de flores no Padrão dos Descobrimentos, na Rua do Infante D. Henrique.

Às 10 horas — Sessão solene, no ginásio do Liceu, para entrega de prémios e insígnias.

Às 11 horas — Desfile dos filiados pelas ruas da cidade.

Às 11.30 horas — Missa na Sé Catedral.

Às 14.30 horas — Sessão cinematográfica, no ginásio do Liceu.

Licenças de Uso e Porte de Arma

Os possuidores de armas, *com excepção dos que já estão habilitados com autorização de simples detenção*, devem requerer a partir do presente mês na Secretaria da P. S. P. as renovações das suas licenças de uso e porte de armas de defesa, caça e recreio para o ano de 1963, sob pena de, não o fazendo, ficarem sujeitos a sanções previstas na lei.

As armas que se encontram ainda registadas nos antigos certificados-fichas devem ser apresentadas para efeitos de conferência de características e substituição daqueles documentos pelos novos livretes de manifesto.

Vida Judicial

Delegados do Círculo Judicial à Assembleia da Ordem dos Advogados

Em reunião dos advogados do Círculo Judicial de Aveiro, efectuada em 22 do mês findo, na sua sala do Palácio da Justiça, foram eleitos delegados do mesmo Círculo à Assembleia Geral da Ordem os srs. Drs. Manuel da Costa e Melo e Adolfo de Almeida Ribeiro.

O sr. Dr. Querubim de Guimarães continua membro do Conselho Geral da mesma Ordem.

Dr. António Fragoso de Almeida

Foi há pouco nomeado Juiz-Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça o sr. Dr. António Fragoso de Almeida, antigo e distinto aluno do Liceu de Aveiro.

O *Litoral* felicita e cumprimenta o integérrimo magistrado.

Vida Comercial

Num moderno prédio da Rua do Engenheiro Oudinot, ao n.º 35, e com frente ainda para a futura Avenida de Portugal, foi inaugurado, ao fim da tarde do último sábado, um novo estabelecimento — que muito bem pode ser considerado dos melhores da cidade, pelo bom gosto das suas instalações e das suas linhas.

Trata-se de uma casa de alfaiataria e lanifícios e vestuário para homem, pertencente à firma *Décio, Amaro & Oliveira, L.da*, de que são sócios os srs. Décio Ferreira Estimo, Gustavo da Silva Oliveira e Júlio Avelar de Oliveira.

Assinalando a abertura da nova casa — a que auguramos as melhores prosperidades —, foi oferecido um fino *copo de água* às entidades oficiais e particulares convidadas para a cerimónia. Pronunciaram expressivos brindes os srs. Eng.º Gil Pires, Presidente da Câmara Municipal de Águeda; Celestino Neto, Director da «Independência de Águeda»; Dr. João de Almeida, Subdelegado em Aveiro do I. N. T. P.; e Pompeu de Melo Figueiredo, conhecido comerciante aveirense.

Novo Regente da Banda Amizade

Tendo o sr. Américo Gomes do Amaral deixado o cargo de regente da *Música Velha*, que ocupou, com muita competência e zelo, durante cerca de doze anos, passou para esse lugar o sr. Severino dos Anjos Vieira.

Exposição de Pintura

O pintor Rolando d'Oliveira abre hoje uma exposição de quadros da sua autoria, no salão nobre do Teatro Aveirense.

São, ao todo, 48 trabalhos, aguarelas e óleos.

A exposição, que poderá ser visitada das 16 às 18 horas, deve encerrar no dia 16 do corrente.

Pelo Clube dos Galitos

Secção Filatélica e Numismática

A Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos comemora hoje o *VIII Dia do Selo*, à semelhança do que se fará em todo o País.

Na altura em que este jornal entra na máquina, deverá realizar-se, no salão de festas do Clube uma reunião destinada a troca de impressões e fixação de directrizes das actividades a desenvolver.

Qualquer interessado pode dirigir-se, pedindo as informações que desejar, aos membros da Delegação srs. Dr. Mário Gaioso Henriques, Francisco José Rebelo Ribeiro e Laurindo Gamelas de Jesus.

À noite, no «Galo d'Ouro», os filatelistas reúnem-se num jantar de confraternização, festejando ali o aparecimento do primeiro número do Boletim da Secção «Selos & Moedas», que será distribuído gratuitamente a todos os sócios e oferecido às senhoras que assistirem ao jantar.

Casa do Distrito de Aveiro em Angola

Delegação de Aveiro

Porque a amabilíssima carta que, em devido tempo, nos foi enviada, entrou em pasta diversa da destinada ao original da semana transacta, só agora damos conta do seu conteúdo, lastimando a involuntária falta.

«Estreitar, por todas as formas ao seu alcance, as relações entre os aveirenses residentes na Província Ultramarina de Angola e os radicados na sua terra natal» — eis a finalidade, a todos os títulos de aplaudir, da Delegação local da Casa do Distrito de Aveiro em Angola.

Vastíssimo é o campo em que, com tal finalidade, se poderá actuar — acentua-se com toda a justeza, na expressiva carta que nos foi endereçada. E cremos que, particularmente para os aveirenses que em Angola têm parentes ou amigos, a presente notícia causará justificado júbilo.

O tão prestigioso Clube dos Galitos acedeu gentilmente ao pedido que lhe foi feito de abrir as suas portas à Delegação, que ali tem a sua sede.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje 1 de Dezembro — Os srs. Dr. Jaime José Nogueira Ilharco, filho do antigo Director de Finanças de Aveiro sr. José da Costa Ilharco, e Adolfo Correia Rito; e a menina Maria Rosa de Pinho Mieiro, filha do sr. Ricardo Mieiro e neta do sr. José de Pinho.

Amanhã, 2 As sr.as D. Zilda Rodrigues Varela, esposa do sr. Cesário da Graça e Melo, e D. Maria do Céu Pimentel de Matos Freitas, esposa do 1.º Sargento da da Aeronáutica sr. António Freitas; e a menina Fernanda Maria, filha do sr. Domingos Simões Maia.

Em 3 — Os srs. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, Rodrigo dos Santos Ferreira e Tobias dos Santos Calisto; e as meninas Maria Madalena, filha do sr. Antónia Joaquim da Cunha, e Rosa Maria Martins Gamelas, filha do sr. Laurindo de Jesus Gamelas.

Em 4 — As sr.as prof.a D. Alice da Conceição Pedrosa Estudante, esposa do sr. prof. Manuel Estueante, D. Amandina da Rosa Lima, dsposa do sr. Tobias dos Santos Calisto, e D. Otília Limas Belmonte Pessoa, esposa do sr. Mário Sequeira de Belmonte; os srs. Lourenço Vicente Ferreira e Virgílio da Conceição Veiga, antigo Director da Secção Desportiva do LITORAL; e o menino João Manuel de Castro Peixinho, filho do sr. João dos Santos Peixinho.

Em 5 — As sr.as D. Edmêa Gomes Craveiro, esposa do sr. Dr. Eduardo Vaz Craveiro, D. Maria Gamelas Santana. esposa do sr. Manuel Nogueira Santana, D. Maria Júlia Seabra de Oliveira, esposa do sr. Virgílio de Oliveira, e D. Zulmira Carvalho Moreira, esposa do sr. Baptista Moreira; e o sr. José Henriques dos Santos.

Em 6 — As sr.as Dr. Ermelinda Vidal Leite Pais e seu marido, sr. António Ferreira Leite Pais, e D. Maria Elsa Ferraz Alves Tavares. esposa do sr. José Bernardino Lopes Tavares; os sr. António Mendes de Andrade Piçarra, José Miguel Pires de Carvalho, ausente em Timor, e José Marques de Almeida, ausente no Brasil; as meninas Ismália da Conceição Graça da Silva, filha do Salviano Gomes da Silva, e Anabela Almeida Freitas, filha do sr. José Máximo Freitas; e o menino José Maria Pereira Rego, filho do sr. João Rego.

Em 7 — A sr.a D. Maria Margarida Ventura Gamelas Castilho, esposa do sr. Fausto Castilho; e os srs. Dr. Adérito Jaime Mendes Madeira e Manuel Pascoal.

MÁRIO SILVA

Da cidade de Newyak (Estados Unidos da América do Norte), e após uma ausência de cerca de dois anos, regressou anteontem a esta cidade o nosso bom amigo sr. Mário de Melo e Silva.

CASAMENTO

Pelas 12 horas de sábado último consorciaram-se, na Sé-catedral de Aveiro, a sr.a D. Maria Celeste Leite, de Vagos, filha da sr.a D. Silv na da Conceição Leite e do sr. Célio de Oliveira Leite, e o sr. Guilherme Moreira e Silva, comerciante no Brasil e actualmente em gozo de férias no Boco, sua terra natal no vizinho concelho de Vagos, filho da sr.a D. Maria do Carmo Silva e do benemérito e importante capitalista e comerciante no Rio de Janeiro sr. António Moreira da Silva.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a menina Rosa Maria Figueiredo Vieira de Moura e seu pai, o médico sr. Dr. Frederico de Moura; e, pelo noivo, a sr.a D. Maria Dora Moreira de Seiça Neves e seu marido, o advogado sr. Dr. A'lvaro Neves.

No final da cerimónia foi servido um copo de água aos convidados, cerca de duzentos, na Assembleia da Barra.

PARTIDA PARA O ULTRAMAR

Convite

Convida-se a população de Aveiro a assistir à missa campal que será celebrada, pelas 11 horas do próximo dia 4 do corrente, no Parque da Cidade, e ao desfile de um contingente militar que parte para o Ultramar.

Aveiro, 1 de Dezembro de 1962

Agradecimentos

António Pinho Vinagre

A família de António Pinho Vinagre, com receio de quaisquer omissões, agradece por este meio àqueles a quem o não tenha directamente, as manifestações de amizade e apreço que lhe foram apresentadas durante a doença, falecimento e funeral do saudoso ex[...]

Leandro [...]es da Maia

A família [L]eandro Nunes da Maia, [i]mpossibilidade de agradec[er p]essoalmente a todas as [pes]soas que se associaram à dor e acompanharam o [s]audoso extinto à sua última [mo]rada, vem fazê-lo por es[te] meio, significando a todas seu profundo reconhecim[ento].

Totobola

PROGNÓST[IC]O DO CONCURS[O N].º 12 DO TOT[OB]OLA

9 de D[eze]mbro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	C. U. F. — [Se]tubal	1		
2	Benfica — [A]tico	1		
3	Olhanense — [Bo]ixões		x	
4	Lusitano — [Sp]orting			2
5	Marinhense — [Ol]iveir.	1		
6	Boavista — [Salg]ueros	1		
7	Sanjoanen. — [...]ense	1		
8	Beira-Mar — [Va]rzim	1		
9	Seixal — [Mo]ntijo	1		
10	Sacaven. — C[i]dade		x	
11	Portimon. — [S]ilves	1		
12	Oriental — [...]ense		x	
13	S. C. Port. — Fe[r]. (L.)	1		

José Estêvão e Costa Cabral

Continuação da primeira página

verno o confirmia, quando, directamente, cara a cara, fitando-o, com tanto de amarga decepção como de punitiva censura, o estiquatiza: «O sr. ministro da Justiça é senhor de todos os meus segredos políticos; e eu dou-lhe o direito de declarar se neles encontrou alguma coisa contra a legalidade, pois que, por mais de dois anos militei debaixo das bandeiras da oposição, quando era meu chefe o sr. ministro da Justiça — porque o meu poucco uso da vida parlamentar não me dava a primazia na vida pública. «Pelo espaço de dois anos nem um pensamento político tive que não significasse a Sua Excelência. Pelo espaço de dois anos, não tive uma só vista governativa que não comunicasse a Sua Excelência; nem uma só carta particular que não mostrasse a Sua Excelência; nem um só indivíduo com quem tivesse relações que não o relacionasse também a Sua Excelência».

É verdade que José Estêvão suplantou o chefe nessa viva campanha oposicionista e se tornou a figura mais proeminente da crítica ao governo. Passos Manuel afirmava, sete anos mais tarde, num famoso discurso:

«...E o sr. deputado José Estêvão Coelho de Magalhães foi o chefe à oposição que eu tive no Congresso Constituinte. Era muito moço esse grande talento, quando pela primeira vez entrou nesta casa. Pensava então sinceramente que a resolução que entregara gloriosa e vencedora pura e imaculada ao Congresso Constituinte, podia obter mais forças, mais glória e mais esplendor, reprovava altamente o que então se chamavam as minhas pastelarias».

Costa Cabral, como depois viria a mostrar-se, era homem de reservas, de invejas, de guardar mesquinhos rancores. A supremacia que José Estêvão alcançou, de chofre, nas câmaras, sobre o chefe, seria, porventura, o fermento da malquerença que lhe votaria.

Mas, prossigamos, na transcrição do discurso do paladino inalterável das ideias liberais, e nas ironias com que criva o antigo companheiro, o desertor das suas fileiras, o trasfuga ambicioso:

«E se a Câmara quiser julgar da minha vida pública, pode informar-se de Sua Excelência, que lhe reponderá satisfatòriamente. Resta-me a consolação que nela tive um companheiro único, que é o actual ministro da Justiça».

A assembleia não contém o riso, que ainda mais feriria o orgulho de Costa Cabral, e o fogoso orador prosseguiu:

«Sr. Presidente: Eu sei como o sr. ministro da Justiça trilhou o caminho daqui (A esquerda) para aqueles lugares. (O banco dos ministros). Todos o sabem trilhar, porque basta dar um salto...

«Sua Excelência sabe muito bem que eu o acompanhei sempre, como fiel amigo, em defender os princípios em que nós tínhamos colocado. Conheci a sua intenção para o poder, e eu o instei aconselhando-o que dele fugisse, eu o instei até ao bordo do precipício, e lhe disse que afastasse de si semelhante ideia, mas foram baldados todos os esforços da minha parte. A sua alma já estava escriturada em outro, e Sua Excelência, de uma vez para sempre desertara dos princípios que tinha seguido.

«Sua Excelência, na noite dessa transcrição, dormiu na minha cama, foi vestido com uma camisa minha, e saiu dentro de uma sege que eu aluguei. E, até que desapareceu, o segui com a vista de amigo sincero. Com mista presaga, segui-o debaixo desta política, e disse comigo: — «Talvez o tenha perdido para sempre». Esta é a história das minhas relações com Sua Excelência, e não a posso contar sem consternação, porque é impossível afastar da minha memória este sentimento doloroso.»

Aliás, José Estêvão, o caudilho que nunca tergiversara, não poupava os zarguchadas contundentes e sarcásticas ao antigo amigo que se renegara e lhe deveria ter provocado uma das mais fundas decepções da sua vida. A propósito da influência exercida pelo governo nas eleições, já numa sessão anterior ripostara a Costa Cabral, quando este lhe pedira documentos que a provassem:

«... pede-me isso o sr. ministro da Justiça, procurando desfazer os esforços para me esquecer de Sua Excelência. Será servido, se não nesta ocasião, talvez em outra. Se lhos puder apresentar há-de ser com a sua própria assinatura. Já vi a cópia; é uma promessa de condecorações para o distrito da Guarda, com a condição da exclusão destes e daqueles indivíduos, a muitos dos quais Sua Excelência deve, não digo obséquios, mas, particularmente, consideração, para a qual olharia todo o homem que pensa que relações particulares tais são alguma coisa!»

O tribuno, que corre todas as gamas da arte oratória, entremeia a objurgatória comovente com o humor mordaz:

«O sr. ministro da Justiça — afirma noutro passo do sensacional discurso que atrás citamos — já não teve acanhamento de se comparar aqui a Napoleão, porque, assim como Napoleão tinha a glória das vantagens dos seus generais, também ele queria ter a glória de apresentar as leis trabalhadas pelos seus privados, ainda que as não tivesse feito. Ora, os projectos de quem são menos é do governo, porque não foram apresentados pelo governo iniciativamente, nem foram feitos segundo as convicções dos ministros. Os projectos não tiraram a sua nascença dos membros do governo, mas de outros indivíduos que, parece-me, não têm muita vontade de entrar na discussão deles, porque são seus. Com o mesmo direito com que o Governo os chama seus, posso eu dizer que me pertencem as árias de Bellini e Donizetti, porque vou copiá-los, e digo que são minhos.»

Condenando o princípio das transferências dos juízes, como estavam sendo executadas, e que considerou «o primeiro golpe para a Liberdade», José Estêvão critica a acção de Costa Cabral, nestes termos:

«Com um tal sistema, detrás do meu juiz está o sr. ministro da Justiça; detrás do meu processo está o sr. ministro da Justiça; detrás das garantias constitucionais está o sr. ministro da Justiça; detrás dos jurados, se eles continuarem, está o sr. ministro da Justiça; e detrás do beleguim está o sr. ministro da Justiça; e o sr. ministro da Justiça é o justiceiro de Aragão, diante do qual não há propriedade, nem fazenda, nem vida».

Todo o governo é alvo da crítica veemente do arrebatado orador nessa campanha parlamentar em que ele põe toda a vibração do seu temperamento ardoroso, todo o vigor dos seus recursos, toda a revolta por ver postergados os ideais de que se qualificara já como que um símbolo. Costa Cabral era o membro do governo mais acrimoniosamente visado, mas todo o ministério merecid a sua mais categórica condenação:

«Eu, sr. Presidente — declara a rematar esse violento discurso — se agora me viessem dizer que D. Miguel, à testa das suas falanges, tinha entrado o rio que banha esta capital e me dissessem que a sua divisa era — forcas e fogueiras —, a esse grito, sr. Presidente, eu iria tomar as minhas armas em defesa do meu País, mas, antes de sair aquela porta, passaria pela urna e lançaria nela uma bola preta, porque me envergonhava de tomar as armas contra a tirania do usurpador sem reprovar uma tirania não tanto sanguinária, mas talvez mais ignóbil.»

A paixão da luta, o entusiasmo com que a ela se entregava, levavam esse homem que nunca se deixou eivar pelo ódio, a reptos desta acritude. Mas todos lhe conheciam a nobreza, a pureza das intenções, e até os que alguma vez o caluniaram se renderiam às suas virtudes e à sua atracção pessoal.

Escreveu-se que José Estêvão, de quem todos eram amigos, era amigo de todos, menos de Costa Cabral. Este lhe daria sobejo motivo para essa inimizade, quando depois o seu antigo companheiro dos Camilos, ao combate na tribuna e na imprensa passou à insurreição armada, e lhe deu pretexto para manifestar o torvo rancor que contra ele vinha acumulando.

E. C.

Desportos

Continuação da última página

Tertúlia Beiramarense

arranjo conveniente da escadaria e de algumas das salas — designadamente a sala nobre, que receberá novo e mais confortável mobiliário e se destinará à guarda dos troféus e a biblioteca e gabinete de leitura.

Posteriormente, caberá a vez às salas de jogos, ao posto médico e ao salão de festas.

A sede será valorizada, ainda, com a substituição dos actuais bilhares por outros, novos; e com a aquisição de «snookers». As mesas de ping-pong serão convenientemente arranjadas, ou substituídas, se for necessário fazê-lo.

Finalmente, também o bar e as instalações sanitárias receberão beneficiações vultuosas — tudo se conjugando, realmente, para tornar a sede do Beira-Mar mais atraente, convidativa e frequentada.

★

O vasto plano de obras a realizar pressupõe a necessidade de fundos que permitam a respectiva execução. E onde vai conseguir a Tertúlia o dinheiro de que necessita, e que, por certo, não lhe brota de nenhuma fonte nem lhe nasce do ar?

Responderam-nos que esse problema — o mais cruel e difícil — seria resolvido como os restantes. A Tertúlia Beiramarense apenas necessitava de duas coisas: compreensão e apoio para as suas iniciativas, por parte dos bons beiramarenses, que o mesmo é dizer por parte de todos os aveirenses.

Assim, foi-nos dito que se iriam realizar espectáculos de cinema e de variedades e que se efectuariam sorteios semanais de diversos objectos de arte e outros. Mais tarde, haverá outras realizações e festas — tudo em ordem a angariar-se o dinheiro necessário para as obras.

Finalizando, podemos anunciar que, como o LITORAL anunciou na semana passada, se realiza na próxima quinta-feira, dia 6, no Teatro Aveirense, a primeira sessão de cinema promovida pela Tertúlia Beiramarense, exibindo-se o movimentado filme colorido, de acção intensa, A ESPADA E A COROA.

Ecos, Figuras & Factos

foi expedido (sexta-feira), nada de concreto havia sobre o assunto.

Entretanto, soube-se já que a Associação de Basquetebol de Aveiro aplicou diversas penalidades ao Clube dos Galitos, em consequência do seu abandono do recinto, no intervalo do jogo com o Esgueira — como aqui relatámos.

Assim, o Galitos averbou uma falta de comparência, foi multado em 200$00 e no pagamento das despesas de organização de jogo 148$00), e ficará privado do concurso dos atletas João Carvalho, José Fino, Raul Pereira, Encarnação, Júlio Ferro, Manuel Vieira e Carlos Sarrico Vieira — todos suspensos durante dois jogos.

Uma Atitude de Violas

O valoroso despertista João Martins, o popular «Violas», que recentemente se viu forçado a abandonar o futebol e o Beira-Mar, seu clube de sempre, pediu-nos que, através do LITORAL, tornemos público o seu fundo agradecimento a quantos, de qualquer forma, se associaram à sua festa de despedida e homenagem. Designadamente, expressou-nos o seu sincero «muito obrigado» à Comissão Pró-Beira-Mar, a Tertúlia Beiramarense, ao Desportivo da C. U. F., ao Sport Clube Beira-Mar e à Imprensa.

Desempenhamo-nos, com vivo aprazimento, da solicitação de Violas — pois ela calou profundamente no nosso espírito, por revelar que o inditoso desportista sabe cultivar uma das virtudes que mais prezamos, talvez por a vermos tão postergada nos tempos que correm: a gratidão!

Beira-Mar - Salgueiros

daria o seu primeiro ponto na prova em curso; e com os beiramarenses a dominarem intensamente, com o fito de assegurar a almejada vitória. Demasiado rudes e quesilentos, e procurando mesmo complicações e lances de choque — em toada pouco agradável e pouco correcta — os visitantes contribuiram grandemente para o baixo nível da partida; mas conseguiram, de certo modo, os seus intentos: perderam pela contagem mínima... — uma vez que, mesmo a saca-rolhas (como vulgarmente se diz), o Beira-Mar logrou chegar vitorioso ao fim da contenda.

De assinalar, porém, que o salgueirista Taco recebeu ordem de expulsão, dez minutos antes do fim do desafio, após um lance em que deliberadamente atingiu Girão.

●

Na turma de Aveiro, evidenciaram-se Miguel, Brandão, Liberal, Valente e Cardoso; na equipa do Porto, Gabriel, Chau e Mário Campos estiveram em plano de saliência.

●

A arbitragem foi imparcial, modesta e pouco firme.

Beira-Mar — Valonguense

e Nunes; Gamelas e Virgílio Vale; Albino, Ramiro, Correia, Clélio e Vítor (Virgílio Feio).

Valonguense — Arsénio; Álvaro, Plácido e Sérgio; Viriato e Manuel; Pauleta, Pim-pim, António, Carlos e Mourisca (Gomes).

Animosos e muito irrequietos, e possuindo elogiável ritmo de jogo, os forasteiros ofereceram réplica interessante. Todavia, isso não bastou para evitarem a derrota, expressa em 0-4 — em golos de RAMIRO e CLÉLIO, aos 12 e aos 38 m., respectivamente (primeira parte); e de CORREIA, aos 47 e aos 57 m. (segunda parte).

JUNIORES

Anadia - Estarreja . . .	6-0
Ovarense - Beira-Mar . .	2-2
Alba - Esmoriz	4-0
Feirense - Sanjoanense . .	0-1
Arrifanense - Espinho . .	3-0

CARTAS de LISBOA

Continuação da primeira página

gédia; por vezes evidente, outras subtilmente dissimulada pelo burlesco, ela permanece em cena do princípio ao fim. Quem assistiu ao seu último espectáculo e analisar uma a uma as suas interpretações — o papagaio, o pintor, a gaiola, o saltimbanco, o fabricante de máscaras, etc., etc. — constatará que mesmo por detraz do embevecimento, da vaidade ou da gargalhada, há sempre o mesmo fundo, lá está o denominador comum do seu extraordinário poder criador.

Vale a pena pagar tão caro para ver tão bom...

★ Ignorei a existência da Feira de Sintra por muito tempo e descobri-a há poucos anos, por simples acaso, numa daquelas tardes mornas de Outono em que para variar se vai a Sintra fazer um turismo barato e pretensioso, comer umas tantas queijadas da Matilde e ter umas tantas exclamações de encantamento no zimbório da Pena.

Mas dessa vez não cheguei à Pena nem cheguei mesmo a honrar a especialidade da aristocrática Vila. Quando cruzei na estrada com uns leitões dourados a berrarem amontoados numa carripana, e quando, depois, numa rua transversal vi uma carroça sem besta e cheia de vassouras... não me enganei, a coisa cheirou-me, senti logo que para ali havia feira. E havia mesmo.

Nesse dia, já se vê, troquei os mármores de Carrara e as louças de Saxe pela beleza saloia de uns barros vermelhos dispersos pelo chão.

Esta feira de S. Pedro de Sintra tem as suas características próprias de miscelânea meio urbana meio rural. A quinquilharia e o ferro velho abundam com a mesma exuberância já de há muito consagrada na Feira da Ladra. De resto, ficam uns cabazes de fruta, umas cabeças de gado com crias, umas barracas a vender fatiotas e uma ou outra de antiguidades. E temos dito. Mas pela falta de melhor aqui pelas redondezas de quando em quando lá vou para gastar a tarde domingueira e na esperança de encontrar alguma faiança antiga que valha a pena. Mas hoje, e mais uma vez, foi cinturão vazio: farejei, farejei, mas nenhuma peça digna de um tiro.

★ Tomar, naquele seu simpático parque idilicamente lambido pelo Nabão, deu à sua gente uma explêndido piscina. Numa área que não é vasta — o Mouchão — fica assim a pequena cidade equipada com um núcleo de atractivos perfeitamente integrado na concepção turística actual: o seu belo parque albergando a acolhedora Estalagem de Santa Iria, a agradável piscina que referimos e o rio em si a sugerir tantos prazeres.

Santarém, que do alto do seu môrro se limita a ver o Tejo abundante muito lá em baixo, vai ter a sua piscina municipal. Ao que se diz, projecto já aprovado prevendo-se que a piscina estará em utilização já no próximo Verão.

Em Aveiro parece vivermos todos na ilusória satisfação de que a nossa linda ria supre todas as lacunas. Assim é nalguns aspectos, mas não neste. Quantos locais terá a nossa ria que possam oferecer as condições de limpeza, segurança e acesso para se poder tomar um banho com deleite e comodidade? Não serão muitos, creio, e dos poucos que poderão reunir essa tripla condição, nenhum se pode contar dentro da área urbana ou nas suas imediações mais próximas.

Esperemos e confiemos...

★ Desde há poucas semanas Lisboa conta no seu palmarés mais um restaurante — o Aviz. O facto em si parece nada ter de extraordinário, já que o negócio de comidas continua a ser rendoso e não há semana em que não surja uma nova casa do ramo, desde a leitaria de bairro ao restaurante de série que vive do almoço de quem trabalha longe da sua base.

No entanto, o aparecimento do Restaurante Aviz merece certo realce, porque constitui uma unidade «hors-série», altamente requintada e estratègicamente situada em pleno Chiado, num 1.º andar debruçado sobre a Rua Garrett.

Quem conhece o Restaurante Tavares (o Tavares rico, como ainda muitos lhe chamam), ao entrar agora no Restaurante Aviz, sente imediatamente que, pelo seu estilo, pela sua ambiência, pela sua classe, vai ser um digno concorrente do vizinho da Rua do Mundo. Se o Tavares tem atraz de si um nome feito, uma tradição e um passado tão de perto ligados à vida intelectual e janota da Lisboa de há 50 anos, o Aviz entra em campo com uma herança que, só por si, lhe garante metade do sucesso: o nome herdado do Hotel Aviz já em desmantelamento, o seu Chefe, a sua baixela, o seu estilo e, sobretudo, o seu espírito. É meio caminho andado.

Que saibam manter e honrar essa linhagem, porque Lisboa ganhou no seu guia mais um restaurante com as quatro estrêlas da convenção.

Lisboa, 25 de Novembro de 1962

Gonçalo Nuno

Henrique IV de Castela, D. Joana de Portugal, D. Beltrão, a «Beltraneja», o Prof. Gregório Marañon, o sr. Alberto Lopes, o «Diário da Manhã» e o retrato de Santa Joana Princesa

O título deste apontamento há-de considerar-se muito confuso, uma espécie de tentativa de representação do cáos em letra de forma. E é. Mas supomo-lo o mais ajustado às palavras que seguem.

Teve um bom Amigo a amabilidade de nos enviar o *Diário da Manhã* do dia 17 de Novembro passado, onde o sr. Alberto Lopes fez imprimir um artigo intitulado *A Princesa D. Joana vítima de um problema de sucessão?*

Esta Princesa D. Joana é a filha de D. Duarte de Portugal, segunda mulher de Henrique IV de Castela e mãe de uma outra Princesa D. Joana, conhecida por «Beltraneja» em razão de a suporem filha do fidalgo D. Beltrão de La Cueva, que dizem ter sido amante da bela e leviana esposa do Rei «Coxo».

O sr. Alberto Lopes lembrou-se agora de glosar um antigo estudo do Prof. Gregório Marañon, do qual transcreveu estes períodos: «Cada dia me parece mais claro que D. Henrique IV foi menos impotente do que dizem; que sua mulher, D. Joana, foi muito melhor do que nos contam os livros; que a Beltraneja não foi filha do néscio D. Beltrão, mas, porventura, do Rei que, como todos os coxos, não deixava de andar, quando podia, ainda que tropeçando».

E porque assim julga brilhantemente e definitivamente nobilitada a memória da Princesa D. Joana, filha de D. Duarte de Portugal e mulher de Henrique IV de Castela — sobre a honestidade da qual se teriam lançado chapadas de lama em consequência de simples intrigas políticas — o sr. Alberto Lopes agradece de todo o coração o estudo do eminente professor.

Abstemo-nos de entrar no âmago do problema e limitamo-nos a louvar os nobres sentimentos de portuguesismo e de gratidão do sr. Alberto Lopes.

Mas o jornalista do *Diário da Manhã* lembrou-se de ilustrar o seu artigo... com o «retrato» da Princesa-Infanta Santa Joana, filha de D. Afonso V e irmã de D. João II, reproduzindo a maravilhosa tábua do Museu de Aveiro!

Deplorável confusão!

Estará o sr. Alberto Lopes convencido de que a conhecidíssima e justamente apreciada pintura do nosso Museu é um «retrato»... da Princesa D. Joana, filha de D. Duarte de Portugal e mulher de Henrique IV de Castela? Ou um «retrato»... da «Beltraneja»?

Observam-nos que o sr. Alberto Lopes terá desejado honrar o Prof. Gregório Marañon, publicando-lhe o retrato, mas que, por qualquer troca inadvertida de gravuras, saiu estampado o de Santa Joana Princesa.

É pena — e tanto mais quanto é certo que, sendo o Mestre espanhol e a Santa portuguesa, ainda que por diversos motivos, muito dignos da homenagem, havemos de reconhecer que não são nada parecidos...

Simpósio Nacional da UCIDT *sobre* O Empresário e o Uso dos Bens

Foi-nos pedida a publicação do seguinte comunicado:

A União Católica de Industriais e Dirigentes de Trabalho, (UCIDT) organiza, de 7 a 9 de Dezembro corrente, no Porto, um Simpósio de carácter nacional, subordinado ao tema «O Empresário e o Uso dos Bens».

Este encontro tem por finalidade tornar conhecida a doutrina social sobre o uso da propriedade privada, estudando a forma de aplicação da grande Encíclica social *Mater et Magistra* à realidade portuguesa.

Hoje, o conceito de propriedade está muito desvirtuado, existindo grande confusão acerca da forma como devem ser usados os bens. Descobrir o justo conceito do «uso dos bens» através dum esforço comum dos Empresários e Dirigentes de Trabalho, eis o fim deste Simpósio.

A parte doutrinal desta actividade está a cargo de individualidades de primeiro plano: Prof. Doutor Manuel Cavaleiro de Ferreira, Prof. Engenheiro Daniel Vieira Barbosa e Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Florentino de Andrade e Silva, que tratam respectivamente das «*Formas Jurídicas da Propriedade Privada*», da «*sua Função Social*» e dos «*Seus Princípios Doutrinários*».

Após a exposição de cada um destes três temas, os participantes reunir-se-ão em pequenos grupos para dialogarem e discutirem os aspectos de particular interesse do assunto abordado na lição, tratando abordagem de temas mais objectivos e concretos, por forma a poder assentar-se nas conclusões finais.

Na sessão inaugural do Simpósio, bem como na de encerramento, à qual se digna presidir Sua Em.ª o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, usarão da palavra personalidades estrangeiras de renome mundial, entre as quais se conta o Sr. Dr. André Aumonier, membro do Conselho Económico e Social da Comunidade Económica Europeia e Professor na Escola de Chefes de Empresa, de França, que chamarão a atenção para as novas tarefas e responsabilidades dos dirigentes de empresa.

Os promotores deste Simpósio estão convencidos de que os industriais e dirigentes de trabalho, conscientes das suas responsabilidades económicas e sociais, saberão conceber soluções concretas para os problemas tratados, tornando, assim, verdadeiramente proveitosos os resultados desta actividade.

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Eng.º Ag.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que, por deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária do dia 16 de Novembro corrente, foi resolvido pôr a concurso, pelo prazo de **vinte dias**, a arrematação dos «**Estrumes recolhidos na cidade e bem assim os da Rua dos Santos Mártires às Pombas**», para o ano de 1963.

As propostas, escritas em papel selado e encerradas em sobrescritos lacrados, deverão ser apresentadas, na Secretaria desta Câmara, até às 14.30 horas do dia 14 de Dezembro próximo, para serem apreciadas na reunião da Câmara, nesse mesmo dia.

Para constar se passa o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Aveiro, 20 de Novembro de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas
Eng.º Ag.º

Conclusão da terceira página

composição é quìmicamente semelhante à da areia.

Abrem-se uns furos nas juntas da argamassa ou reboco das paredes, abaixo ou logo acima do nível do chão, e despeja-se esse fluido para dentro. O resultado é uma camada impermeável finíssima, que se espalha pelos tijolos ou pelas pedras.

Este sistema tem dado esplêndidos resultados nas igrejas e prédios em que foi experimentado, na Inglaterra, e pode ser aplicado tanto às construções actuais como aos prédios já antigos.

O inventor do processo é um biologista que se dedicava a estudos sobre insectos e sobre a forma como eles repelem a água.

Muitas das propriedades da cobertura dos insectos podem ser simuladas por uma simples membrana de borracha.

Temperatura em três segundos

Fizeram-se demonstrações em Londres, no dia 30 de Outubro, dum pequeno instrumento, funcionando por meio de bateria, que indica, em 3 segundos, a temperatura da pele ou do corpo.

Suficientemente pequeno para poder ser transportado no bolso, o instrumento tem uma tomada de chumbo onde se liga uma sonda altamente sensível ao calor, que pode ser aplicada na boca ou debaixo do braço, na axila, fazendo-se a leitura num mostrador dividido em décimos de grau. Com o nome de «Dependatherm», este instrumento é um valioso auxiliar do médico ou do veterinário — pois economiza muito tempo, uma vez que faz em 3 segundos o que normalmente demora dois minutos. Poupa também à enfermeira muitas horas que teria de dispender a tirar a temperatura aos numerosos doentes das enfermarias.

O instrumento é de particular utilidade no caso de crianças doentes difíceis e de animais.

Fabricam-se dois modelos: um menor para tirar a temperatura do corpo; outro maior para a temperatura da pele ou para a localização rápida de áreas de inflamação. Custam na Inglaterra 16 e 21 libras, respectivamente (1 280$00 e 1.680$00).

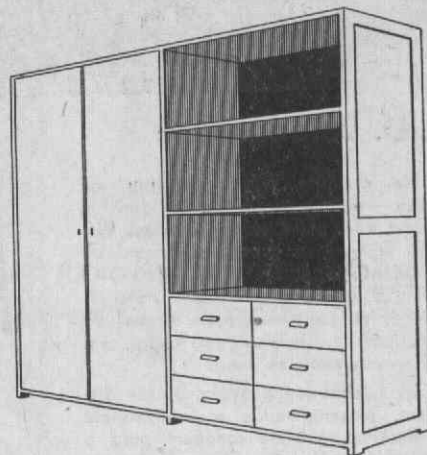
A carga de uma bateria dá para tirar cerca de 4 500 temperaturas, Um elemento de compensação torna impossível um registo inexacto da temperatura por falta de força na bateria, quando estiver a esgotar-se.

"Cartas de Londres"

Continuação da 3.ª página

assim como o emprego de novas máquinas agrícolas.

★

O «British Productivity Council», ao qual se deve a iniciativa desta grande manifestação, recebe a maior parte dos seus recursos do Estado. No entanto, é inteiramente autónomo. É formado pelo «Trade Union Congress», pelas industrias nacionalizadas e pelas quatro principais Federações nacionais de patrões. Para o Ano Nacional de Produtividade, foi reforçado por todas as Universidades e por mais de 80 organizações profissionais, tal como por organismos científicos especializados em domínios tão diversos como a taylorisação, o estabelecimento dos preços do custo, a ergonómica, a refrigeração, o desenho, a psicologia, a fiscalização da qualidade e a prevenção de acidentes.

Os sindicatos estão na primeira fila dos organizadores. O senhor Harry Douglas, chefe do poderoso sindicato que é a Federação da Siderurgia e Presidente do Comité Económico do T. U. C., está à frente do Comité organizador da campanha. A senhora Anne Godwin, que preside ao T. U. C., este ano, figura igualmente entre os principais organizadores.

O GRUPO DO VALONGUENSE

A. D. Valonguense

No pretérito domingo, jogou em Aveiro — pela primeira vez oficialmente — uma nova colectividade do nosso Distrito. Trata-se do grupo de futebol da ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA VALONGUENSE, que este ano trocou as competições de populares pelas provas da Associação de Futebol de Aveiro, em que recentemente se filiou.

Os futebolistas do Valonguense disputam, presentemente, o Campeonato de Reservas — como rodagem para o Distrital da II Divisão. São treinados por um antigo *keeper* do Beira-Mar (sr. Luís Afonso Gouveia de Vasconcelos) e revelam apreciável fio de jogo, a par de elevado grau de desportivismo e exemplar correcção.

Daqui saudamos a nóvel colectividade de Arrancada do Vouga e os seus briosos atletas, a quem auguramos uma época plena de triunfos. E, antes de concluir este *suelto*, pretendemos ainda dar a devida saliência ao facto de, com os jogadores valonguenses, se passar um caso curioso, que muito nos apraz registar por ser pouco frequente nos tempos que correm: — sempre que se deslocam, os futebolistas de Arrancada do Vouga pagam do seu bolso metade do custo da passagem do autocarro cobrado aos acompanhantes do grupo!

Um Esclarecimento

O meio desportivo local ficou surpreendido, na terça-feira, com determinado passo da reportagem que o «Jornal de Notícias», do Porto, nesse dia publicou relativamente ao desafio Beira-Mar-Salgueiros, trazendo a público uma série de curtas entrevistas com vários dirigentes, atletas e membros do trio de arbitragem.

Lê-se, naquele jornal, que o dirigente do Beira-Mar sr. Américo Teixeira respondera, quando interrogado acerca do «penalty» assinalado contra o Salgueiros: — *Não me pareceu que existisse, mas o árbitro é que julga e não eu.*

Tomando a núvem por Juno, pretende-se, ao longo de toda a reportagem, evidenciar que os salgueiristas têm justas queixas contra o trio de arbitragem, cujos componentes como que se comprazem em perseguir todas as turmas portuenses... E, para o efeito, lança-se mão do quixotesco esgrimir contra uma grande penalidade (que foi evidente!), no caso assemelhada aos moinhos de vento...

Simplesmente, e, por certo, por lapso muito lamentável, não se relatou o que, na realidade, se perguntou e foi declarado pelo sr. Américo Teixeira, delegado do Beira-Mar no aludido encontro.

Este dirigente procurou-nos, solicitando a publicação de um esclarecimento, acerca do teor das declarações que lhe foram atribuidas, afirmando:

1 — Além da minha impressão geral sobre o jogo — e sempre em jeito de conversa —, foram-me feitas duas perguntas, uma sobre o «penalty» contra o Salgueiros e outra relativa a um outro castigo máximo, que teria sido perdoado ao Beira-Mar.

2 — À primeira pergunta, respondi afirmando que a penalidade fora bem assinalada, por ter visto que houve falta merecedora desse castigo, aliás como fora igualmente entendido pelo árbitro.

3 — Relativamente à outra questão que me foi posta, quanto declarei foi que não notara ter existido qualquer penalty *a assinalar contra o Beira-Mar.*

Sem quaisquer outros comentários, que reputamos supérfluos, aqui fica o pretendido esclarecimento.

Basquetebol

O Campeonato Distrital, como aqui se referiu, encontra-se suspenso. Deverá retomar o seu curso na próxima terça-feira — mas, no dia em que o LITORAL

Continua na página 5

FUTEBOL

PROVAS DISTRITAIS

Registo do Dia

I DIVISÃO

Esmoriz - Paços de Brandão	1-0
Estarreja - Lusitânia	1-1
Ovarense - Vista-Alegre	8-1
Alba - Recreio	0-1
Arrifanense - Cesarense	5-3
Bustelo - Anadia	1-1
Lamas-Cucujães	4-2

Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	12	9	2	1	33-13	32
Lusitânia	12	5	7	—	22-11	29
Ovarense	12	7	2	3	41-17	28
Arrifanense	12	7	1	4	31-23	27
Anadia	12	5	2	5	28-22	24
Recreio	12	5	2	5	19-15	24
Alba	12	4	4	4	27-24	24
Cesarense	12	4	4	4	20-22	24
Esmoriz	12	5	1	6	15-20	23
P. Brandão	12	5	—	7	22-21	22
Estarreja	12	2	6	4	14-21	22
Cucujães	12	3	2	7	20-25	20
Bustelo	12	3	2	7	14-32	20
V. Alegre	12	1	3	8	8-48	17

Jogos para amanhã

Paços de Branços - Estarreja
Lusitânia - Ovarense
Vista-Alegre - Alba
Recreio - Arrifanense
Cesarense - Bustelo
Anadia - Lamas
Cucujães - Esmoriz

RESERVAS

Lamas - Cucujães	5-1
Beira-Mar - Valonguense	4-0
Ovarense - Oliveirense	1-4

Beira-Mar, 4 - Valonguense, 0

Jogo em Aveiro, arbitrado pelo sr. Fernando Santos, formando os grupos desta forma:

Beira-Mar — Sidónio (Ernesto); Gandarinho, Carlos Alberto

Continua na página 5

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados do Dia

Marinhense — Covilhã	1-1
Braga — Académico	3-0
Boavista — Oliveirense	0-0
Sanjoanense — Espinho	2-2
Beira-Mar — Salgueiros	2-1
Castelo Branco — Vianense	2-0
Leça — Varzim	1-4

Breve Comentário

A saída do comandante a Leça da Palmeira foi aguardada com muita expectativa, pois admitia-se que os poveiros podiam escorregar, *até porque iam actuar no recinto do subguia.*

No entanto, tal não se verificou, e quanto sucedeu foi até que a turma da Póvoa de Varzim alcançou o mais elevado score *do dia e aumentou a sua vantagem na tabela sobre os seus próximos adversários.*

Assinale-se, contudo, que o Leça apresentou um protesto sobre o resultado do jogo — ignorando-se, nesta altura, qual o seu seguimento...

Após esta nota, merecem um apontamento especial os meritórios (e magníficos) empates do Covilhã, da Oliveirense e do Espinho — respectivamente na Marinha Grande, no Porto e em S. João da Madeira.

Resta analisar os êxitos caseiros da ronda, todos normais e esperados:

— três golos separaram o Braga dos visienses do Académico;

— dois golos traduziram a vantagem dos beirões de Castelo Branco sobre os minhotos de Viana do Castelo; e

— um golo apenas serviu para os beiramarenses averbarem o seu segundo triunfo e se superiorizarem aos salgueiristas, adversários tradicionalmente difíceis em Aveiro, que ofereceram resistência superior ao que se admitia em vista da sua posição na tabela.

Como curiosidades da jornada, citamos o facto de, pela primeira vez, nenhuma turma aveirense perder. Aliás, apenas uma delas (Beira-Mar) conseguiu triunfar — pelo que ascendeu ao segundo pôsto da tabela, sem companhias...

De resto, sòmente será de registar a angustiosa situação do velho Salgueiros, que ficou agora mais apegado à indesejada lanterna-vermelha... *— posição que causa grande espanto e é deveras sensacional.*

Tabela da Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Varzim	5	4	1	—	15-5	9
Beira-Mar	5	2	3	—	6-3	7
Covilhã	5	2	2	1	9-2	6
Braga	5	3	—	2	11-7	6
C. Branco	5	2	2	1	6-2	6
Leça	5	3	—	2	12-8	6
Marinhense	5	2	1	2	6-6	5
Oliveirense	5	2	1	2	5-5	5
Boavista	5	2	1	2	4-7	5
Académico	5	1	2	2	8-6	4
Espinho	5	—	4	1	7-9	4
Vianense	5	2	—	3	7-10	4
Sanjoanense	5	1	1	3	6-15	3
Salgueiros	5	—	—	5	4-13	0

Jogos para Amanhã

Covilhã — Leça
Académico — Marinhense
Oliveirense — Braga
Espinho — Boavista
Salgueiros — Sanjoanense
Vianense — Beira-Mar
Varzim — Castelo Branco

Secção dirigida por António Leopoldo

DESPORTOS

Beira-Mar, 2 — Salgueiros, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, em Aveiro, sob arbitragem do sr. António Lopes da Rosa, coadjuvado pelos srs. Álvaro Rodrigues (bancada) e Armando Teixeira (peão) — todos de Coimbra.

BEIRA-MAR — Pais; Valente, Liberal e Girão; Amândio e Brandão; Miguel, Teixeira, Calisto, Cardoso e Romeu.

SALGUEIROS — Vieira; Taco, Gabriel e Pinho; Mário Campos e Chau; Lela, Rolando, Vieira II, Cládio e Bártolo.

1-0, aos 23 m., por MIGUEL, na transformação de um castigo máximo assinalado por mão do salgueirista Gabriel. O remate foi mal dirigido — a meio da baliza, rente ao solo, quase à figura do *keeper*. Mas este, iludido pela finta de Miguel, saíu do sítio em que se encontrava, o que permitiu que a bola fosse às malhas...

1-1, aos 31 m, por BÁRTOLO, que captou a bola na faixa central do terreno, em lançamento de Mário Campos; e progrediu, ante a apatia e indecisão da defesa beiramarense, rematando, em arco, sobre Pais — que saira, em falso, de entre os postes.

2-1, aos 52 m. por CALISTO, numa oportuna e espectacular recarga, de cabeça, a uma bola que Teixeira — após rápida progressão frontal — rematara contra a madeira da baliza salgueirista.

Norteado pela ideia de não perder o desafio, ou, na hipótese de perder, ceder por *score* pouco volumoso e cair devagar, o grupo do Salgueiros jogou com excessivas precauções defensivas, num ferrolho constante — com o médio Mário Campos e o interior brasileiro Cláudio integrados na linha da rectaguarda, e ainda com Vieira II e Chau (em zona intermédia) muitas vezes incluídos no sector dos defesas.

Desta forma, e mesmo sem ter forçado o andamento, o Beira-Mar cedo se impôs ao seu antagonista, dominando com bastante insistência — mas não soube traduzir em golos, como se impunha, esse seu notório e total ascendente, técnico e territorial.

A inépcia na finalização dos dianteiros beiramarenses foi uma constante que prevaleceu ao longo dos noventa minutos, tanto pelo sistema de ferrolho e vigilância apertada dos salgueiristas, como ainda pela pouca inspiração dos elementos a que cumpria furar a barreira visitante. De resto, os portuenses — cuja comprometedora posição na tabela não se coaduna com o real valor da turma e com as tradições do popular clube — ensaiaram alguns contra-ataques, raramente, porém, com sinal de perigo evidente; mas o certo é que, até final, existiu a ameaça de uma nova igualdade...

O segundo tempo foi jogado com os salgueiristas em desesperada defesa do 1-1 — que lhes

Continua na página 5

Uma louvável iniciativa da TERTÚLIA BEIRAMARENSE

Na semana última, o LITORAL já se referiu ao assunto, ao noticiar que, no dia 20 de Novembro findo, se haviam iniciado, na sua primeira fase, importantes obras na sede do Beira-Mar, no intuito de modernizar as suas instalações e de a tornar mais frequentada pelos associados do popular Clube.

A operosa Tertúlia Beiramarense tomou sobre si a louvável iniciativa de se ocupar deste problema e de custear todas as obras — verificada a impossibilidade da Direcção do Beira-Mar assumir esse encargo, por se encontrar totalmente absorvida pelas questões concernentes ao futebol.

Sabendo do facto, e querendo elucidar devidamente os leitores sobre o caso, decidimos falar com os componentes da Tertúlia. Aprazada a entrevista, no *Gato Preto* (autêntica sede do conhecido grupo de dedicados beiramarenses), para a véspera do dia em que se iniciaram as obras, ali comparecemos.

Todavia, e porque urgia resolver, na sede do Beira-Mar, algumas questões ligadas com os trabalhos em curso no presente momento, para lá nos transferimos e lá nos foi dado observar os planos do que se intenta realizar. Com o representante do LITORAL, em conversa amiga e esclarecedora, estiveram os srs. Autero Veiga, Manuel da Graça, Ricardo Limas, José da Naia Machado e Alfredo Fortes, todos destacados membros da Tertúlia.

A noite, bastante fria, era um vivo contraste com o quente entusiasmo dos nossos interlocutores, que sentem profunda e intensamente tudo quanto respeita ao *seu Beira-Marzinho*.

Assim, e em resumo, foi-nos dito que a Tertúlia intenta transformar radicalmente a sede do clube, e que, na primeira fase das obras, está programado o

Continua na página 7

Ex.mo Sr.
João Sarabando